

A repressão sexual

O sexo sempre teve destaque na história da humanidade. Dependendo da época e do lugar, foi glorificado como símbolo de fertilidade e riqueza, ou condenado como pecado. A condenação do sexo surgiu com o patriarcado, como já vimos. No início se restringia à mulheres, para dar ao homem a certeza da paternidade. No cristianismo, a repressão sexual generalizou-se. O padrão moral tornou-se, em tese, o mesmo para homens e mulheres, embora na prática houvesse maior condescendência para com o homem.

A repressão sexual é um fenômeno curioso, na medida em que algo meramente biológico e natural sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação quando é deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História.¹ Entretanto, a repressão não é apenas algo que vem de fora, submetendo as pessoas. As proibições e interdições externas são interiorizadas, convertendo-se em proibições e interdições internas, vividas sob a forma de vergonha e culpa.

"Com efeito, a repressão sexual será tanto mais eficaz quanto mais conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual daquilo que está sendo reprimido (...) Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados, desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras da nossa sociedade."² Quando a repressão é bem-sucedida, já não é sentida como tal e a aceitação ou recusa por

determinado tipo de comportamento é vivido como se fosse uma livre escolha da própria pessoa.

Para Freud, o sofrimento humano tem três origens: a força superior da natureza, a fragilidade dos nossos corpos e a inadequação das normas que regulam as relações mútuas dos indivíduos na família, no Estado e na sociedade.³ A doutrina de que há no sexo algo pecaminoso é totalmente inadequada, causando sofrimentos que se iniciam na infância e continuam pela vida afora. "Mantendo numa prisão o amor sexual, a moral convencional concorreu para aprisionar todas as outras formas de sentimento amistoso, e para tornar os homens menos generosos, menos bondosos, mais arrogantes e mais cruéis."⁴

Reich considera que as enfermidades psíquicas são a consequência do caos sexual da sociedade, já que a saúde mental depende da potência orgástica, isto é, do ponto até o qual o indivíduo pode se entregar e experimentar o clímax de excitação no ato sexual. Para ele, o homem alienou a si mesmo da vida e cresceu hostil a ela. Sua estrutura de caráter — refletindo uma cultura patriarcal milenar — é encoraçada, contrariando sua própria natureza interior e contra a miséria social que o rodeia. Essa couraça de caráter seria a base do isolamento, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio místico e da miséria sexual. A unidade entre natureza e cultura continuará a ser um sonho, enquanto o homem continuar a condenar a exigência biológica de satisfação sexual natural (orgástica). Numa existência humana ainda sujeita a condições sociais caóticas, prevalecerá a destruição da vida pela educação coerciva e pela guerra. O homem é a única espécie que não satisfaz à lei natural da sexualidade. A morte de milhões de pessoas na guerra seria o resultado da negação social da vida, que por sua vez seria expressão e consequência de perturbações psíquicas e somáticas da atividade vital. "O processo sexual, isto é, o processo expansivo do prazer biológico é o prazer vital produtivo *per se*."⁵

O neuropsicólogo James W. Prescott, do Instituto Nacional de Saúde Infantil e Desenvolvimento Humano, de Maryland, EUA, publi-

cou em 1975 o resultado estatístico da análise de 400 sociedades pré-industriais e comprovou algumas teses de Reich sobre o desenvolvimento humano e social. Ele concluiu que aquelas culturas que dão muito afeto físico a seus filhos e que não reprimem a atividade sexual de seus adolescentes são culturas pouco inclinadas à violência, à escravidão, à religião organizada — e vice-versa.⁶

Prescott afirma que uma personalidade orientada para o prazer raramente exhibe condutas violentas ou agressivas e que uma personalidade violenta tem pouca capacidade para tolerar, experimentar ou gozar atividades sensualmente prazerosas.⁷

Lionel Tiger, autor de *A busca do prazer*, considera a repressão sexual um enigma muito estranho. Todos sentimos prazer com estímulos sexuais e com a própria sexualidade. "Por que será então que, por toda parte, e praticamente o tempo todo, há sempre alguém preocupado em restringir essa sexualidade?"⁸ Ele argumenta que os políticos, por exemplo, prosperam quando investem contra a sexualidade libertina, real ou imaginária, de seus concidadãos. Progridem na carreira e conseguem votos quando se oferecem para restringir essa pretensa licenciosidade em nome da moral. Ao mesmo tempo, são censurados e correm o risco de ter sua carreira política interrompida se são flagrados entregues aos prazeres do sexo. Edward Kennedy, Gary Hart, John Towers, Earl Long, John Profumo, Andreas Papandreu e muitos outros foram vítimas da indignação popular. "Mas por que haverá a rale de se ressentir das atividades sexuais de seus líderes? Por que se preocupar? Será que *todo mundo* é um censor em potencial? E, inversamente, na medida em que o sexo dá prazer, por que desejariam os detentores de poder restringir esse prazer entre seus subordinados, tanto na vida privada quanto em expressões abstratas como filmes, quadros e livros?"⁹ Ao contrário dos artistas gregos e romanos, que consideravam o nu masculino como exemplo da perfeição humana, após o cristianismo o nu das obras de arte passou a causar constrangimentos. Antes de ser exibidas para o público, as estátuas tinham seus órgãos genitais

tapados, ou o pênis quebrado com um martelinho especial. O Davi, de Michelangelo, antes de ser exibido em Florença, em 1504, recebeu uma folha de figueira, só retirada em 1912.

Tiger se pergunta, ainda, o que haverá de errado no prazer sexual, se as pessoas chegarem ao trabalho na hora, obedecerem aos sinais de trânsito e não abusarem do bem-estar e da dignidade alheia.

Uma explicação possível reside no fato de que, quanto mais o indivíduo vai ampliando, aprofundando e diversificando sua vida sexual — e isso significa transgredir —, mais coragem ganha para fazer outras coisas, questionar outros valores. Começa a viver com maior vontade e decisão. Pode começar a se tornar perigoso.¹⁰ “Não deve ser à toa nem por acaso que as forças repressoras de todas as épocas se voltaram tão sistemática e precisamente contra a sexualidade humana.”¹¹

A repressão sexual é um conjunto de interdições, permissões, valores, regras estabelecidas pelo social para controlar o exercício da sexualidade. No Ocidente, sobretudo, o sexo é visto como algo muito perigoso. As expressões utilizadas para se referir ao impacto que causa nas pessoas ilustra bem os riscos que encerra: estar perdido de amor, cair de amores, ser fulminado pela paixão, morrer de amor, ser atingido pelas flechas do amor.¹²

Embora hoje a moral sexual tenha sofrido grandes transformações e homens e mulheres não acreditem conscientemente que o ato sexual seja tamanho pecado, no inconsciente os antigos tabus ainda persistem. O sexo continua sendo um problema complicado e difícil, gerando muitas dúvidas. A maioria das pessoas dedica um tempo enorme de suas vidas às suas fantasias, aos desejos, aos temores, à vergonha e à culpa sexuais. Muitos acreditam ser o sexo uma coisa impura e nada humana. A vergonha e a culpa sexuais podem se manifestar diante de um pensamento, de um desejo ou da simples intenção de agir de determinada maneira. São muitos séculos de repressão imposta pela Igreja cristã, que exerceu uma influência menos saudável do que a exercida por outras religiões mundiais.¹³

Em muitas culturas o prazer sexual é valorizado e existem formas de iniciação para que se alcance o máximo de satisfação. No Oriente, o tantrismo, o kama sutra e o taoísmo são correntes ideológicas que incentivam a prática sexual, acreditando que quanto mais e melhor é vivenciado o prazer mais o ser humano tornará feliz sua existência. Não há conotação de pecado no sexo. Ao contrário, graças ao desenvolvimento do prazer sexual alcança-se maior integração com a natureza universal.

No cristianismo, o corpo é visto como inimigo do espírito. Há uma expectativa de que todos se sintam culpados e envergonhados por causa dos seus órgãos sexuais e de suas funções. Morris Berman afirma que os ocidentais perderam o próprio corpo. Estando fora de contato com a verdadeira realidade somática, há uma tentativa de afirmação em satisfações como sucesso, fama, autoimagem, dinheiro etc. E mesmo fora do corpo observa-se uma preocupação paradoxal com o corpo e sua aparência. Tenta-se melhorá-lo com maquiagem, roupas, cirurgia plástica, alimentos naturais, vitaminas e exercícios.¹⁴ “Podemos entender nossa obsessão por sexo como proveniente da ausência da verdadeira sexualidade: o ritmo autêntico do desejo sexual e sua expressão espontânea como parte do todo da nossa condição corporificada. Não confiamos no corpo, por isso, o vigiamos constantemente como se fosse uma coisa separada de nós. Daí o fato de conseguirmos executar o ato sexual sem estarmos presentes de fato.”¹⁵

A baixa qualidade do sexo praticado na nossa cultura deriva-se também da moral sexual instituída pelo patriarcado. A mulher sempre foi vista como propriedade do homem, por isso, considera-se que o homem possui a mulher e que esta se entrega. Como possuir constitui uma honra e entregar-se uma humilhação, a mulher desenvolveu uma atitude negativa em relação ao ato sexual, o que é reforçado pela educação autoritária.¹⁶ Para a maior parte dos homens, possuir uma mulher constitui muito mais uma prova de virilidade do que uma experiência amorosa; a conquista, tornando-se mais importante que o amor, justifica a atitude da mulher.¹⁷

Prostituição

Na sociedade ocidental, o sexo é, na maioria das vezes, praticado como uma ação mecânica, rotineira, desprovida de emoção, com o único objetivo de atingir o orgasmo o mais rapidamente possível. Setenta e cinco por cento dos homens ejaculam menos de dois minutos depois de introduzir o pênis na vagina¹⁸ e muitos, depois disso, viram para o lado e dormem. Enquanto isso, a maioria das mulheres não tem orgasmo e se desilude com a objetividade sexual do homem. Resulta daí ser o desempenho sexual bastante ansioso, podendo levar a um bloqueio emocional e a vários tipos de disfunção como a impotência, a ejaculação precoce, as disfunções do desejo e a ausência de orgasmo. Entretanto, "quase todos os homens e mulheres sabem que são capazes de conseguir muito mais da própria vida sexual do que se permitem sentir; sabem também que no prazer sexual e nos jogos de amor existe um espaço imenso onde podem crescer e se desenvolver, desde que encontrem tempo, energia, coragem e honestidade para partir em busca desse desenvolvimento".¹⁹

Hoje, no início do século XXI, com o questionamento do sistema patriarcal por homens e mulheres, começam a despontar novas formas de viver a sexualidade. Cada vez um número maior de pessoas busca o prazer através de relações sexuais mais livres, respeitando o próprio desejo e o modo mais satisfatório para os envolvidos.

Gaiarsa resume a perspectiva do real prazer sexual quando afirma que "Só seremos sexualmente satisfeitos no dia em que pudermos ter relações sexuais

QUANDO tivermos vontade,
COM QUEM tivermos vontade,
DO MODO que for melhor

— para MIM e para ELA — aqui e agora."²⁰

A prostituição não foi sempre a coisa desprezada e oculta em que se tornou modernamente. Na Antiguidade, foi uma instituição sagrada muito comum, chegando a ser exercida nos templos. Mulheres respeitáveis faziam sexo com o sacerdote ou com um passante desconhecido, realizando assim um ato de adoração a um deus ou deusa. As prostitutas eram tratadas com respeito, e os homens que usavam seus serviços lhes rendiam homenagens. Acontecia também de as próprias sacerdotisas serem as prostitutas.

A origem desses costumes foi uma tentativa de garantir a fertilidade da terra e das mulheres como um favor dos deuses.

Com o surgimento do cristianismo, os templos foram fechados e o meretrício passou a ser comercializado com fins lucrativos para aqueles que faziam das mulheres suas escravas. A prostituição individual, hoje tão comum, era exceção. A maioria das mulheres vivia em bordéis e casas de banho.

Na Idade Média, essa prática era vista como necessária à sociedade; uma atividade repulsiva, mas tolerada para evitar algo pior. Num estudo sobre as minorias nesse período da história, Jeffrey Richards nos conta como era o vínculo entre a prostituição e a sociedade medieval.²¹

As prostitutas estavam em toda parte. Era raro uma cidade que não tivesse sua boa casa, como às vezes se referiam ao bordel. No século XV, havia de cinco a seis mil prostitutas em